

No outro dia, fui dar com o meu amigo Alphonse Karr sentado no seu divã, com uma vela acesa, embora fosse de dia. Segurava um tubo de madeira de cerejeira, guarnecido com um cogumelo de porcelana, sobre o qual vertia uma espécie de pasta acastanhada muito parecida com lacre. Esta pasta flamejava e crepitava no bojo do cogumelo à medida que ele aspirava por um pequeno bocal de âmbar amarelo o fumo que se espalhava em seguida pelo quarto com um vago odor de perfume oriental.

Sem dizer uma palavra, arranquei o instrumento das mãos do meu amigo e levei-o à boca; depois de alguns tragos, senti uma espécie de atordoamento não desprovido de encantos e que fazia lembrar as sensações da primeira bebedeira.

Como era dia de folhetim e não me podia dar ao luxo de me embriagar, pendurei o cachimbo num prego e fomos até ao jardim saudar as dalias e brincar com *Schutz*, bem-aventurado animal cuja única função é ser um ponto negro no verde do relvado.

Voltei para casa, jantei, fui ao teatro suportar já não sei que peça e vim-me deitar, que também é preciso, assim como fazer a aprendizagem da morte definitiva nesta morte de algumas horas.

Longe de produzir a sonolência que esperava, o ópio que fumara pôs-me numa agitação nervosa parecida com a que sentiria se tivesse bebido café forte, pelo que dava voltas e mais voltas na cama como uma carpa na grelha ou um frango no espeto, com um

perpétuo deslizamento de cobertores, para grande tristeza do meu gato, enrolado numa bola na ponta do edredão.

Por fim, o sono havia muito implorado assoreou-me as pálpebras com a sua poeira de ouro, os olhos tornaram-se-me quentes e pesados, e adormeci.

Depois de uma ou duas horas completamente imóveis e negras, sonhei.

— Era assim o sonho:

Encontrava-me de novo na casa do meu amigo Alphonse Karr — como naquela manhã. Ele estava sentado no seu divã de seda amarelo, com o seu cachimbo e a sua vela acesos, com a diferença de que o Sol não fazia esvoaçar nos muros, como borboletas de mil cores, os reflexos azuis, verdes e vermelhos dos vitrais.

Tirei-lhe o cachimbo das mãos, tal como fizera algumas horas antes, e pus-me a aspirar lentamente o fumo inebriante.

Uma moleza cheia de beatitude não tardou a apoderar-se de mim, e senti o mesmo atordoamento que sentira ao fumar o verdadeiro cachimbo.

Até aqui o meu sonho mantivera-se nos mais exatos limites do mundo habitável, e refletia como um espelho as ações do meu dia.

Estava enroscado numa pilha de almofadas e inclinava indolentemente a cabeça para trás para seguir no ar as espirais azuladas que se dissipavam numa névoa de algodão, depois de terem redemoinhado alguns minutos.

Os meus olhos estavam naturalmente virados para o teto, que é de um negro de ébano, com arabescos de ouro.

De tanto olhar para ele com a atenção extática que precede as visões, começõu a parecer-me azul, mas de um azul compacto, como uma das orlas do manto da noite.

— Com que então mandou pintar o teto de azul — disse eu a Karr, que, silencioso e impassível, tornara a encher o cachimbo e fazia mais fumo do que uma chaminé no inverno ou um barco a vapor em qualquer estação.

— Nada disso — respondeu ele, emergindo da nuvem de fumo —, mas o meu amigo tem o ar de quem tingiu o estômago de vermelho, com a ajuda de um Bordéus mais ou menos *Laffitte*.

— Essa agora! Porque é que não diz a verdade?! Só bebi um miserável copo de água com açúcar, onde todas as formigas do mundo vieram matar a sede, uma escola de natação para insetos.

— Aparentemente o teto cansou-se de ser preto e virou azul. Depois das mulheres, não conheço nada mais temperamental do que os tetos. Foi um capricho de teto, nada mais, não podia ser mais natural.

Dito isto, Karr voltou a imergir na nuvem, com o ar satisfeito de quem deu uma explicação límpida e luminosa.

No entanto, eu não estava convencido, e custava-me a acreditar que os tetos fossem tão extravagantes como aquele, pelo que continuei a observar o espécime que tinha por cima da cabeça, não sem alguma inquietação.

Estava cada vez mais azul, azulava como o mar no horizonte, e as estrelas começavam a abrir as suas pálpebras com as suas pestanas de ouro. Estas pestanas, extremamente finas, alongavam-se até ao quarto, que povoavam de feixes prismáticos.

Algumas linhas pretas riscavam a superfície celeste, mas rapidamente percebi que se tratava das traves dos pisos superiores da residência, que se tornara transparente.

Apesar da facilidade com que num sonho se admitem como naturais as coisas mais bizarras, tudo aquilo começava a parecer-me um pouco duvidoso e suspeito, e comecei a pensar que, se o meu companheiro Esquiros, *o Mágico*, estivesse ali, ele dar-me-ia explicações mais satisfatórias do que as do meu amigo Alphonse Karr.

Como se este pensamento fosse dotado da faculdade de evocação, Esquiros apresentou-se subitamente diante de nós, mais ou menos como o caniche de Fausto saiu de trás do fogão de sala.

O seu rosto estava bastante animado e com um ar triunfante, e, esfregando as mãos, dizia:

— A minha vista alcança os antípodas, e encontrei a Mandrágora falante.

Esta aparição surpreendeu-me, pelo que disse a Karr:

— Karr, como é que explica que Esquiros, que ainda há pouco não estava aqui connosco, tenha entrado sem que lhe tivéssemos aberto a porta?

— Nada mais simples — respondeu Karr. — Entra-se pelas portas fechadas, é o costume. Só as pessoas mal-educadas é que passam pelas portas abertas. Bem sabe que se diz como insulto: grande arrombador de portas abertas¹.

Não me consegui lembrar de nenhuma objeção a fazer a um raciocínio tão sensato e convenci-me de que, com efeito, a presença de Esquiros era perfeitamente explicável e bastante apropriada.

No entanto, ele olhava para mim com um ar estranho, e os seus olhos aumentavam de forma desmesurada. Eram ardentes e redondos como escudos aquecidos numa fornalha, e o seu corpo dissipava-se e afundava-se na sombra, de maneira que já só lhe conseguia distinguir as duas pupilas faiscantes e resplandecentes.

Malhas de fogo e torrentes de emanções magnéticas cintilavam e redemoinhavam à minha volta, entrelaçando-se de forma cada vez mais inextricável e comprimindo-se cada vez mais, até que os fios reluzentes desembocavam em cada um dos meus poros e se implantavam na minha pele mais ou menos como os cabelos na cabeça. Eu estava num estado de sonambulismo completo.

Vi então pequenos flocos brancos que atravessavam o espaço azul do teto como tufos de lã trazidos pelo vento, ou como as penas do pescoço de uma pomba a caírem uma a uma no ar.

Tentava inutilmente decifrar o que aquilo podia ser, quando uma voz baixa e breve me sussurrou ao ouvido, com um estranho sotaque: «*São espíritos!!!*» Foi então que comecei a ver claramente: os vapores brancos assumiram formas mais precisas, e apercebi-me distintamente de uma longa sequência de figuras veladas ao nível da cornija, avançando da direita para a esquerda, com um movimento ascendente bastante pronunciado, como se um sopro imperioso as levantasse e lhes desse asas.

Num dos cantos do quarto, sentada na moldura do teto, via-se a forma de uma rapariga envolta numa larga túnica de musselina.

Os pés, completamente descalços, pendiam indolentemente, cruzados um sobre o outro; eram, de resto, encantadores, de uma pequenez e de uma transparência que me fizeram lembrar os belos pés de jaspe que saem muito brancos e muito puros da saia de mármore negro da Ísis antiga do Museu².

Os outros fantasmas tocavam-lhe nas costas quando passavam por ela e diziam-lhe:

— Vamos às estrelas; vem connosco.

A sombra de pés de alabastro respondeu-lhes:

— Não! Não quero ir às estrelas; quero viver mais seis meses ainda.

A sequência passou, ficando apenas o espectro, que balançava os seus lindos pezinhos e batia na parede com os calcanhares com cambiantes em tons cor-de-rosa, pálidos e delicados, como o coração de campânulas selvagens. Ainda que o rosto estivesse tapado por um véu, pressentia que ela era jovem, adorável e atraente, e a minha alma precipitava-se para ela de braços estendidos e de asas abertas.

O espectro apercebeu-se da minha perturbação por intuição ou afinidade, e disse com uma voz doce e cristalina como uma harmonica:

— Se tiveres coragem de ir beijar a boca daquela que fui, e cujo corpo jaz na cidade negra, viverei mais seis meses, e a minha segunda vida será para ti.

Levantei-me e fiz-me a mim mesmo esta pergunta:

A saber: se eu não seria o joguete de alguma ilusão e se tudo o que estava a acontecer não passaria de um sonho.

Era um último clarão da candeia da razão apagada pelo sono.

Perguntei aos meus dois amigos o que é que pensavam de tudo aquilo.

O imperturbável Karr pretendia que a aventura era comum, que lhe acontecia frequentemente e que era uma grande ingenuidade minha surpreender-me com tão pouco.

Esquiros explicou tudo através do magnetismo.

— Muito bem, então, vou-me embora. Mas estou de pantufas...

— Não faz diferença, *pressinto* que está uma carruagem à porta.

Saí e vi, com efeito, um cabriolé puxado por dois cavalos que parecia esperar. Subi.

Não havia cocheiro. Os cavalos conduziam-se a si mesmos. Eram todos pretos e galopavam tão furiosamente que as suas garupas subiam e desciam como ondas, e nuvens de faíscas erguiam-se à sua passagem.